

Nota sobre a amizade com Neide Esterci

Essa nota, que hoje juntos escrevemos, é uma homenagem à nossa amiga Neide Esterci, que nos deixou no último 18 de novembro.

Lembramos aqui -- reunindo e compartilhando informações presentes nas múltiplas notas biográficas a ela dedicadas em vida, ou agora, provocadas pelo seu falecimento -- que Neide, graduada na Universidade Federal de Juiz de Fora, fez parte da primeira turma de mestrado do Programa de Pós-Graduação em Antropologia Social do Museu Nacional/UFRJ fundado em agosto de 1968. Assim, ela fez parte do Survey realizado no primeiro ano do Projeto “Estudo Comparativo do Desenvolvimento Regional: Centro-Oeste e Nordeste”, coordenado por Roberto Cardoso de Oliveira, com que o PPGAS/MN se iniciou. Fez parte do grupo de pesquisa do Centro-Oeste ou Brasil Central, e em 1972 defendeu sua dissertação “**O Mito da Democracia no País das Bandeiras: análise simbólica sobre imigração e colonização no Estado Novo**”, orientada por Francisca Vieira Keller no PPGAS/MN/UFRJ.

Antes mesmo de obter seu mestrado foi professora colaboradora do Departamento de Ciências Sociais do IFCS/UFRJ desde 1970, oportunidade apoiada pelos jovens docentes, ex-alunos do IFCS que já lá estavam recentemente recrutados por professores que faziam resistência ao ambiente repressivo que se estabeleceu no pós-64 na antiga Faculdade Nacional de Filosofia. Neide, assim, foi uma das construtoras da recuperação da respeitabilidade do IFCS, com suas reconhecidas atividades de iniciação científica e de pós-graduação.

Entre 1975 e 1977 participou do “Projeto Emprego e Mudança Socioeconômica do Nordeste” realizado no PPGAS/MN/UFRJ, fazendo trabalho de campo em áreas do campesinato pré-amazônico do Maranhão.

Em 1985 defendeu na USP sua tese de doutorado “**Conflito no Araguaia; peões e posseiros contra a grande empresa**”, depois publicada pela Editora Vozes em 1987. A pesquisa está baseada em trabalho de campo desde o final dos anos 60 na área de Santa Terezinha, às margens do Araguaia, nordeste de Mato Grosso, onde nossa ex-presidenta da ABA, Yonne Leite, pesquisava os Tapirapé, em territórios da missão religiosa católica que, além do grupo indígena, mantinha relações também com os posseiros da região.

Em 1972 aguçou-se o conflito entre os posseiros e a CODEARA, Companhia do Desenvolvimento do Araguaia que estimulava e protegia grandes empresas na área, atraindo uma repressão que se abateu sobre a prelazia de São Felix. Neide acompanhou não somente os posseiros defendidos pela missão religiosa, mas também estudou os peões atraídos para o trabalho nas grandes empresas. Na sequência ela pôde assim dar uma grande contribuição crítica aos estudos sobre o trabalho escravo contemporâneo que se desenvolveram a partir dos anos 90, tendo seus estudos por referência incontornável.

Além de professora de Antropologia do IFCS/UFRJ, ela foi durante muitos anos colaboradora do CEDI (Centro Ecumênico de Documentação e Informação) e foi fundadora e presidenta do ISA (Instituto Sócio-Ambiental) entre 2001 e 2014. Na ABA, na SBS e na ANPOCS estimulou grupos de estudo socioambientais sobre a Amazônia.

Neide reunia com maestria, com suas respectivas especificidades, suas atividades de docente e pesquisadora com as de assessora e animadora dos movimentos sociais do campesinato e dos povos tradicionais com que tinha relações.

Neide foi nossa amiga desde o final dos anos 60. Neide e eu, Rosilene, nos conhecemos na primeira turma do PPGAS/MN/UFRJ, ainda nos tempos de Roberto Cardoso de Oliveira e Roque Laraia, em 1968. Em 1970 e 1971, Neide e eu, Rosilene, dividimos um apartamento no bairro da Gávea, no Rio de Janeiro, enquanto redigíamos nossas respectivas dissertações, que defendemos em 1972.

Eu, José Sergio, conheci Neide quando entrei em 1970 para o PPGAS/MN. Ali eu reverenciava os conhecimentos adquiridos pela formação e pelo trabalho de campo dos membros da 1ª turma, entre os quais figuravam Neide e Rosilene. Quando eu, José Sergio, comecei a namorar Rosilene, passei a frequentar o apartamento que as duas dividiam, antes de morarmos eu e Rosilene juntos.

Nós desenvolvemos durante todo esse período uma amizade duradoura com Neide e seu companheiro de vida José Ricardo Ramalho, seu aluno e depois colega no IFCS/UFRJ. Para mim, Rosilene, Neide é “minha grande amiga mais antiga”, como costumávamos nos autodenominar. Essa amizade acabou envolvendo os filhos dos dois casais, fazendo com que fosse redobrada por compadrios. Também envolveu um círculo de amizades maior de referência, adquirido na vida profissional e pessoal.

Damos aqui nosso testemunho, entre tantos outros, da alegria de termos compartilhado a vida de trabalho e a vida pessoal, com a perspicaz, terna e afetuosa amiga Neide Esterci.

Rosilene Alvim e José Sergio Leite Lopes